

BELEZA saúde

# Let's talk about sex

DEPOIS DE UM SONO QUE DUROU MUITO MAIS DO QUE CEM ANOS, A MULHER ACORDOU FINALMENTE PARA O PRAZER. MAS O NOVO PRÍNCIPE (OU PRINCESA) TERÁ DE FAZER MUITO MAIS DO QUE DAR UM SIMPLES BEIJO. Por Alexandra Caetano da Silva.



Carrie Bradshaw sabe o que é bom sexo. Com compromisso ou sem compromisso, com homens comuns, intelectuais ou do tipo artístico. Sexy, confiante, decidida, emancipada, sem medo do prazer, seja na cama ou no topo de uns Louboutin. Afinal, o que é que uma mulher do século XXI pode querer mais? Casar. Segundo a longa-metragem da série mais popular dos últimos tempos, *O Sexo e a Cidade*, esse é o fim (feliz, de preferência).

Desde os tempos da *Crônica Feminina*, e de outras revistas das décadas de 50 e 60, feitas para uma mulher que se queria recatada e dedicada à família, recheada de pérolas como "mesmo que um homem consiga divertir-se com sua namorada ou noiva, na verdade, ele não irá gostar de ver que ela cedeu" (in *Revista Querida*, 1954) ou "deve estar ciente de que dificilmente um homem pode perdoar a uma mulher que não tenha resistido a experiências pré-nupciais, mostrando que era perfeita e única, exactamente como ele a idealizara" (in revista *Cláudia*, 1962), muito mudou. Ou será que não? As mulheres já queimaram todos os seus *corsets* e *soutiens*, símbolos da opressão feminina?

"A cultura parece andar a 'flirtar' com a pornografia", sugere Feona Atwood, professora e investigadora na Universidade de Sheffield, no Reino Unido, que recentemente veio à Culturgest, em Lisboa, falar sobre as regras da atracção. Descrevendo como o sexo se tem tornado cada vez mais visível na cultura ocidental, a investigadora desfia um rosário que saltou dos segredos de alcova para o *mainstream*: o *porno chic* de Madonna; a forma como mulheres, não necessariamente lésbicas, se beijam na boca (Britney Spears e Madonna protagonizaram um dos mais famosos, enquanto hoje meio mundo entoa a canção de Katy Perry *I Kissed a Girl And I Liked It*); ou a forma como celebridades como Paris Hilton ou Pamela Anderson se transformam em *porno stars*. De Betty Page a Dita Von Teese, a mulher *pin-up* é um modelo de sedução mais e mais imitado, enquanto isso disparam as vendas de *lingerie* e aumentam as inscrições em cursos de dança do varão. Na televisão, nas revistas, na Internet, o sexo circula em banda larga. Blogues eróticos ou avatares no Second Life são os novos *hobbies* de homens mas principalmente de mulheres. Haverá hoje algum tabu por quebrar? "Sim", responde Feona Atwood, "ainda

misturamos prazer sexual e sensualidade com a juventude, a cor da pele [branca] e com padrões convencionais de beleza."

"A libertação sexual das mulheres é um facto, mas o duplo padrão permanece", contrapõe o sexólogo Júlio Machado Vaz. "Enquanto a sociedade ainda reprova o que acha 'natural' nos homens, muitas mulheres agem de acordo com os seus direitos e desejos, mas admitem, surpresas e irritadas, 'diálogos' angustiantes com a ideologia machista que lhes foi inculcada."

● nculcada é maneira de dizer. Durante a Idade Média, a Igreja espalhava por toda a Europa a concepção de que a bruxaria estava ligada à cobiça carnal insaciável do "sexo frágil", que não conheceria limites para satisfazer os seus prazeres. Em 1486, a Igreja Católica publicou o *Malleus Maleficarum*. O livro continha uma lista de requerimentos e indícios para identificar e condenar a bruxaria. Numa das suas passagens, afirmava claramente que as mulheres deveriam ser mais visadas neste processo, pois estas seriam "naturalmente" mais propensas às feitiçarias. Milhares de pessoas (há quem fale



em milhões) foram acusadas, julgadas e mortas neste período. Estima-se que mais de 80% eram mulheres, incluindo crianças e jovens raparigas que teriam “herdado o mal”. A memória histórica não alcança os tempos em que as mulheres eram tidas em boa conta. Esta é a herança feminina, a cama em que a menina se fez mulher.

“a cultura judaico-cristã tem sido muito repressiva para a mulher”, diz Ana Carvalheira, psicóloga clínica e sexóloga. O feminismo, a pílula e a autonomização financeira da mulher veio mudar muita coisa, mas o passado histórico foi um amante duro. “Como consequência, as mulheres criaram dificuldade na relação com o corpo e os sentimentos predadores da sexualidade: culpa, vergonha, ansiedade, medo da entrega e de perder o controlo. Ainda hoje, ouço muitas vezes mulheres dizerem que não conseguem ter orgasmos porque têm medo de perder o controlo. Têm vivências sexuais com culpabilidade até porque, até há bem pouco tempo, o sexo não era para o prazer, era para a reprodução, ou seja, o sexo não tinha função erótica para as mulheres.” É, pois, no mínimo

paradoxal, que a mulher seja detentora de um órgão criado exclusivamente para o prazer – o clítoris – e para o qual não se conhece nenhuma outra função. Sigmund Freud (1856-1939) chamava-lhe “órgão rudimentar; um pénis em miniatura”... O pai da psicanálise e autor da teoria da “inveja do pénis” estava duplamente enganado. Não só o clítoris é capaz de proporcionar muitos e bons orgasmos (sem ficar a dever nada ao pénis) como chamar-lhe miniatura é um erro de palmatória. Mas isso não sabia Freud nem ninguém até meados dos anos 80. A Humanidade conquistou a Lua em 1969, mas foi muito mais tarde que mapeou correctamente a anatomia feminina. O mérito coube à médica australiana Helen O’Connell, do Royal Melbourne Hospital, que descobriu que o clítoris mede, não os cerca de três centímetros que se julgava, mas quase dez centímetros. E, aqui, o tamanho importa. Lá porque não se pode ver (a maior parte do órgão é interno), conhecê-lo, não só ajuda a melhorar a qualidade do sexo, como impede que a função sexual da mulher fique afectada quando é sujeita a cirurgias comuns, como a histerectomia. Literalmente, só há pouco tempo começámos a explorar para além da ponta do icebergue.

“É oficial. A mulher portuguesa assumiu as rédeas do seu caminho sexual”, lê-se num comunicado de Imprensa da Maleta Vermelha, que existe em Portugal desde Setembro de 2007. Alexandra Campos Leal, coordenadora nacional da empresa, e mais de quarenta assessoras, percorrem o país a organizar reuniões entre mulheres para vender *sex toys* e, claro, falar sobre sexo.

Segundo Alexandra, não há um tipo de mulher que assiste às reuniões. “Há solteiras e casadas, e, se a maioria tem entre 35 e 40 anos, também há avozinhas de 70 e muitos anos que participam. Aliás, lembro-me de uma reunião onde estavam avó, filha e neta”, diz. O que as move, adianta a coordenadora da Maleta Vermelha, é a curiosidade. Mas será que as mulheres portuguesas passam da conversa aos actos? “Pelo *feedback* que temos, sim, as mulheres compram os produtos com intenção de usá-los. Mas”, sublinha, “ainda existem muitos tabus, muitos preconceitos, muita falta de informação e muita contra-informação. As mulheres na casa dos 30 estão numa fase de transição. As que hoje têm cerca de 20 anos, já fizeram essa mudança, mas as outras

começam agora a compreender que o legado das suas mães não tem de ser seguido por elas.” Superam-se umas provas, aparecem outras. “Falta imaginação à mulher portuguesa”, diz Alexandra. “Elas entendem que aquele objecto vibra ou que o outro se usa dentro de água, mas, depois, perguntam: ‘Mas, concretamente, o que é que eu faço com isso?’ Ora, há coisas que não precisam de ser totalmente explicadas!... O *prêt à porter* veio dar conta da imaginação das pessoas. Tudo se compra pronto a usar, com etiqueta e manual de instruções. Ora, o erotismo e a sensualidade não são assim. Dão trabalho e precisam de tempo e imaginação.”

a sexóloga Ana Carvalheira concorda e acrescenta que “a sedução continua a ser importante para muitas mulheres. Mas, ao mesmo tempo que o romantismo é relevante, cada vez mais mulheres valorizam e reclamam estímulos físicos e sexuais”. Para o seu trabalho de pós-doutoramento sobre sexualidade feminina, Ana Carvalheira conduziu um inquérito online (logo, não representativo da população portuguesa) durante os primeiros meses de 2007 e realizado a 3.687 mulheres de todas as idades. Os números que recolheu falam de uma realidade pouco estimulante e, definitivamente, pouco estimulada. “60% das inquiridas afirma que gostaria de receber mais estimulação física e mais adequada do seu parceiro”, revela a especialista. No mesmo estudo, “14% das mulheres afirma que raramente consegue atingir o orgasmo na relação sexual com o seu parceiro; 3,6% diz que nunca consegue; 7,4%, que consegue algumas vezes; 22,7% consegue sempre; e 42,8% consegue quase sempre”.

Numa época em que se fala de sexo sem pudor, de filmes pornográficos com uma abordagem feminina e feminista (vale a pena espreitar em [www.lustfilms.com](http://www.lustfilms.com)) e em que se instiga as Belas Adormecidas de outrora a acordar para o prazer, a sós, com homens, com mulheres ou em grupo, será que já podemos falar numa mulher sexualmente emancipada? “Não existe uma maneira única de se ser mulher, apesar dos sistemas de género assim o determinarem”, reflecte João Manuel de Oliveira, investigador do ISCTE na área da Psicologia Feminista. “Temos muitas mulheres, todas elas muito diferentes entre si. E, portanto, maneiras diferenciadas de ser feliz, afectiva e sexualmente.” ■

## A Humanidade conquistou a Lua em 1969, mas só muito mais tarde mapeou a anatomia feminina.